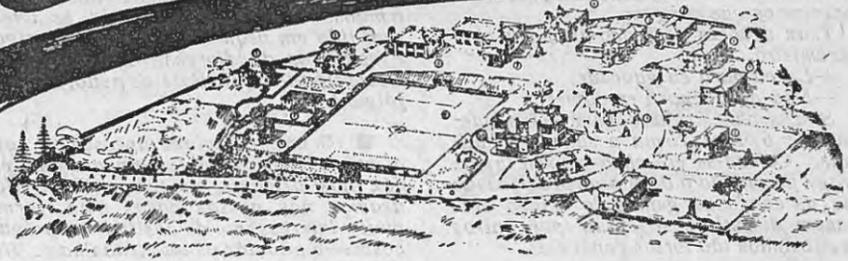




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Nota da quinzena

As gazetas dos últimos dias trazem em itálico, que me parece ser o tipo de realce, certos planos do após-guerra, entre os quais avultam a questão da saúde do povo e da assistência médica. Mais vale tarde do que nunca.

Os males sociais são ideias em marcha, factos realizados, e a cura deles não caminha da mesma sorte; temos ido muito devagarinho, comodamente.

Este temos é o mundo. Em lugar de se aceitar o sacrificio glorioso que a vida necessariamente impõe a cada mortal, sucede que nos encontramos hoje todos num mundo de sacrificados, sem honra nem proveito para ninguém.

Vamos efectivamente ter o médico de família, como diz o diploma da doutrina social ventura, em lugar do médico de tabuleta, da doutrina social de hoje?

De que serve a ciência no homem, se ela não é posta incondicionalmente ao serviço e a bem da Humanidade? Dai de graça o que de graça recebeis; eis os fundamentos.

Outrosim informam os periodicos que, se estas medidas implicam milhões ao Estado, tudo se há-de remediar com a prata de cada nação, por meio de simples operações de dividir, de modo que as classes afortunadas fiquem com um todonadinha menos e as classes pobres, um todonadinha mais. E' um caso de melhor circulação. Os próprios médicos dizem à gente, que a má circulação do sangue perturba o organismo.

Assim faz a do dinheiro nas sociedades; perturba, — e que perturbar!

«O Gaiato», à laia de brincadeira, traz a mensagem divina, que os Galileus ouviram em primeira mão.

Quem não semear aqui, des-perdiça.

A RIQUEZA DA POBREZA

A QUI há tempos fui entregar aos cuidados das irmãzinhas dos Pobres do Pinheiro Manso, um homem trôpego, a quem a devassidão envelhecera. Entrámos. A irmã porteira quis mostrar a casa. Primeiramente a despensa:

— Dizem que falta tudo, aqui há tudo. Se temos 5 vèlhinhos chega para 5. Se temos cem, chega para cem. Hoje temos 211 e nada nos falta.

A irmãzinha porteira segue mais eu pelas dependências da casa. Por tôda a parte se respira pobreza immaculada. Nos dormitórios a-par de mantas de retalhos, há enormes almofadas de penas, onde os seus hóspedes reclinam fadigas.

A irmãzinha porteira, já muito adiantada nos anos, na hora da despedida disse-me assim:— Olhe, meu padre, nós aqui procuramos em tudo ser justas, e o resto vem-nos por esmola.

— Aonde aprendeu essa doutrina, perguntei?

— No Evangelho.

— E a minha irmã acredita no Evangelho!

— Dava a vida por Ele, disse, em tom deliciosamente afirmativo. Bem pudera ter dito, *dei a vida*.

Porquanto há 50 anos que fizera um voto a Deus de servir os Pobres por Seu amor, e um acto dêstes implica sentença de morte gloriosa. Sim, bem pudera tê-lo dito. Mas disse *dava a vida*. Disse no imperfecto, que a perfeição dos heróis do Evangelho, consiste precisamente em chamar e considerar imperfecto, o tempo que gastam e as passadas que dão.

Estamos na presença de um instituto de caridade, fundado há um século por uma humilde criada de servir, e hoje espalhado pelas cinco partes do mundo.

Esta mulher que não sabia letras, tinha dentro de si a eminente ciência do amor, e esta basta, para realizar no mundo aquelas obras que pela sua grandeza, não cabem dentro dêle. Segundo a regra dêste Instituto, não se podem aceitar heranças, nem legados, nem doações. Vive-se ali dentro do pão de cada dia e reparte-se consoante, por isso mesmo, — não nos falta aqui nada.

A maior parte das obras de Beneficência costuma viver da desmarcada solicitude do que se ha-de comer e do que se há-de vestir amanhã, medindo o limite da sua acção benfazeja pelos rendimentos em cofre. Erro. O capital tem sua missão determinada; dentro das obras pias, êle é uma absoluta anomalia. As obras que vivem dos seus rendimentos, à maneira de qualquer burguês, estão naturalmente sempre sujeitas às mesmas vicissitudes que êles passam: *vem a traça, vêm os ladrões!*

A riqueza das Fundações tem ainda um outro mal, fruto da própria riqueza: atrai necessariamente a cubiça dos homens, não faltando quem se proponha servi-los e governá-los, zelosamente. Ou quem ainda, por zêlo, converta e transforme os seus fundos. Para não irmos mais longe, falemos sòmente da Fundação onde hoje estamos instalados. Ela tinha um fundo de sete mil libras esterlinas. O oiro reluz e tenta, pelo que foi julgado medida muito acertada, convertê-lo em papel.

Tomei conta dêste papel ao tomar conta da Fundação. Apresentei-me com êle, legalmente endossado.

— Que não. Se quiser receber os juros, tem que pôr o sêlo branco.

— Não tenho sêlo branco.

— Então tem de assinar o tesoureiro.

— Não tenho tesoureiro.

— Temos muita pena, mas não podemos pagar.

— Olhe meu senhor; quem comeu a carne que roia os ossos.

E andei.

A Pobreza é coisa tão Santa, que ninguém lhe mexe! Hei-de fazer testamento; deixar uma obra pobre, para servir as classes pobres; ligar a minha derradeira vontade aos meus continuadores, que por isso mesmo teem de ser herdeiros da renúncia ao oiro e à prata, para bem merecer êste pôsto de sacrificio.

Irmã porteira do Pinheiro Manso; Deus lhe pague o bem que me

Continua na segunda página

A nossa Páscoa

A nossa Páscoa foi uma verdadeira declaração de amor da cidade do Pôrto, aos seus filhinhos dos portais.

Na Quinta-Feira Maior, à hora do jantar, distribuí eu mesmo ovos tingidos e amendoas.

Segui para a Casa de Miranda e ali tive conhecimento de que a chuva de presentes na sexta e no sábado, escurecera o sol;—eclipse de amor.

No meu regresso, tive mais notícias e soube que o almoço e o jantar e a merenda e a ceia dos rapazes, durante três dias, constou de ovos cozidos e coisas assim.

Cidade Invicta, ninguém te vence! a Páscoa de Miranda, foi pascoela!

Se não fôra o Dr. Agostinho Vás Pato de Gramaços, nem sequer um ovo tínhamos para fazer a Páscoa.

Este Agostinho é irmão do Dr. António, que me tem dado ovelhas, carneiros, vacas, galinhas, almudes de azeite, e o mais que calha.

Ele sente à sua mēsa 14 filhos, tem um rancho de criados, sustenta uma legião de Pobres.

Ele tem as arcas cheias, tem os anos fartos, o vento apanha-lhe a lenha e Cristo leva-lhe a cruz;—nunca faltou pão ao justo nem à sua descendencia.

«O Gaiato», que se apresenta ao público como um jornal indiabrado traz nas suas letras vivas o sangue dos inocentes.

Ele desenterra e põe ao sol a doutrina velha do Pentateuco, à qual tu chamas palavra nova, coisa nova, e eu chamo A Boa Nova.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Chegou o Josézito do Pôrto. Tem 6 anos. Entregou-se aos cuidados do irmãozinho que tem a missão de receber e consolar os que chegam.

Traz debaixo do braço um pequenito merendeiro.

—Dá cá para eu guardar.
—Não dou; é para eu comer.

Sim senhor. Muito bem. O pequenito de 6 anos firma a sua personalidade. Coloca-se em chelo no seu lugar. Prêga ao mundo o direito de propriedade que as confusas gentes do mundo pretendem discutir e substituir por outros direitosinhos tão tortos como eles.

Chegamos à época mais penosa da nossa população infantil; é o tempo dos ninhos. Trazem todos a mente e a palavra alvorçadas.

Segredam-se local dos ninhos e número dos ovos que têm.

Formam-se os mais severos compromissos de guardar segredo. A este fluxo entusiasmado, tenho eu de levantar, no meio deles, a minha palavra de missionário dos passarinhos e de levar cada um deles, por amor, a amar as inocentes avezinhas.

Fazer mal aos animais é indício de mau caracter.

Andamos agora muito ocupados com a sementeira das nossas batatas, plantio de cebola e mais gêneros de horta. Quem disse que os vadiozinhos da rua, não se afeiçoam aos trabalhos do campo? Nós temos nas nossas Casas a prova do contrário.

Garotos de Alfama, das ilhas do Porto, do bôco de Coimbra, todos da enxurreira social, alguns meus conhecidos, convidados por mim mesmo a escolher outra vida;—estes têm dado excelentes provas e são amigos de trabalhar.

É a formula mais simples e mais eficaz que no mundo se encontra, para curar as enfermidades da alma de que estes pobres inocentes são portadores.

É a mãe terra a infundir vida e alegria na própria vida destas crianças. Ele há tanta gente dos nossos campos, que vai procurar melhor vida no trabalho das cidades, para ali queimar as próprias asas como as borboletas na luz! Nós havemos de remar contra esta maré, e induzir os nossos rapazes a sacar da terra pão e saúde.

Três gaiatos de Miranda semearam um hectare de milho, sôzinhos.

O Freitas lavrava, o Albino tocava e o Arlindo chamava os bois. No fim, houve merenda de rigelos, comidos na cozinha, direitinhos da lareira; tudo à moda de Portugal, que a Obra é de portugueses. Estas merendas, são as grandes festas dos nossos trabalhadores do campo. Eles falam, comentam, gozam. O trabalho sai-lhes da mão sem queixas nem amarguras. Nós colhemos este ano, em Paço de Sousa, 14 pipas de vinho e damo-lo todo, em pequeninas doses, aos deles que o merecem e sentimos com alegria que todos os pequeninos camponeses, se esforcem por merecê-lo. Com tão pouco se contenta, quem antes não tinha nada!

Os Pobres que os nossos Gaiatos visitam todos os sábados, chamam-lhes os meninos do P.º Américo! Num instante passaram de farrapões a meninos.

Num instante, da maldição da rua à benção do Pobre.

O Julio de Elvas foi ontem à cabine de Cête, falar para o Ministério da Economia.

Sou Gaiato do P.º Américo; temos muito pouquinho milho.

A voz da Creança da rua, a fazer a revolução nos próprios Ministérios! Na volta, o nosso pequenino mensageiro, reproduziu tudo quanto de lá lhes disseram:—era um senhor a falar muito grosso!

Os nossos pequenos andam muito interessados em fazer pequeninos canteiros de flores. E' vê-los à hora do recreio

correr para os campos arrigar plantas silvestres com que fazem seus jardins. Quantos condenados a pena maior nossos irmãos, jámais o teriam sido, se tivessem tido em pequeninos palavras amigas e canteiros de flores! Chora comigo. Desobriga-te aqui. Bate no peito, e menos folgar!

O nosso Luciano apresentou hoje a primeira peça de ferramenta que ele fez nas oficinas, no tempo livre. Nós usamos nas nossas casas uma forma muito interessante de castigar os preguiçosos:—é premiar os que trabalham. Um figo, um rehuçado, uma coisita do tamanho deles constitue uma terrível lição de pedagogia. Ao dar-se o prêmio, dá-se igualmente a razão dele e a do castigo também.

Foram 4 gaiatos vender o jornal no Domingo de Ramos, fora da igreja de Cedofeita, tendo sido nomeado responsável, o Luciano de Coimbra. Saíram de casa às 7,30 e regressaram às 16, com venda muito feliz. Antes de ir tomaram cada um a sua tigela de leite e levaram numa saca um merend.iro de ovos cozidos. Confia-se-lhes absolutamente o produto da venda, que eles entregam no regresso, fiel e honestamente. Alguns não eram assim. Nós escolhemos até, muito propositadamente, os de entre eles com as pequeninas culpas neste ponto particular; curamos as feridas do cão, com cabelos do mesmo cão.

Da que nós necessitamos

Em primeiro lugar e para já, pede-se ao mundo muita simpatia pela sorte da criança dos caminhos. Pede-se uma acção pronta e decisiva a favor dela, que a oportunidade vale cem por cento. Que a massa das ruas seja amanhã por nós e não contra nós. Que se levante para nos abençoar em vez de amaldiçoar. Que não se degrade mais; que não se perverta mais com os nossos exemplos mai-las nossas lições. Eis o de que nós necessitamos.

E a par desta tremenda força revolucionária, queremos mais algumas escôvas de dentes, e algumas toalhas de rosto e alguns metros ou retalhos ou peças de pano que dêem para camurcines de verão, côres e desenhos diferentes. Outrosim, lembrámos o edificio das oficinas e o da Capela; o homem perfeito e completo tem de bater as duas asas — trabalho e oração.

Mais de Braga 50\$00, mais de 2 rapazes visitantes 10\$00 cada bico, mais de um visitante 500\$00, mais de um dito 50\$00, de um outro 20\$00, ainda mais um deu o dôbro, uma carta anónima trouxe uma nota de cem, um outro visitante viu, achou muito bonito e deu metade, mais em Coimbra o dôbro. Uma senhora topou-me e disse-me: tome lá este relógio de ouro que me deram para si. E' esmaltado e a sua origem parece esconder-se na poeira dos séculos, como diria um orador de nomeada, se houvesse de o descrever. Não se sabe quem o deu. O silêncio é justamente a pedra de toque da nossa Obra; e que pedra! Os diamantes de hoje, foram séculos de silêncio misterioso no seio da natureza.

Mais no depósito uma caixa de ovos tingidos e mais outra e mais outra e ainda outra e mais uma e mais o mesmo e uma outra e uma bomba final. Mais 4 regueifas de Valongo do tamanho de rodas de carro de bois. Mais 100\$00 de



No nosso forno caseiro, à beirinha da lareira, o padeirito—ontem cisco dos caminhos!—amassa e tonda com o suor do rosto, o pão da comunidade

A riqueza da pobreza

Continuação da primeira página

fêz com o seu estupendo acto de fé e com tamanho desejo de dar-se, que nem dá fé do que já deu!

A Pobreza, foi a parte que escolheu no mundo o Mestre que aconselha a pedir e a contentar-se cada um com o pão de cada dia.

Quem fôr por aqui, vai bem.

PARABENS

No próximo mês de Maio fazem anos somente 3 gaiatos, a saber:

Julio, de Elvas, 14 anos, no dia 15.

Joaquim, do Porto, 12 anos, no dia 10.

Manuel Delfim, do Porto, 9 anos, no dia 22.

Este derradeiro veio direitinho do entulho. Tal era o jeito de pedir, que muito tempo depois de estar connôscos ainda mendigava um "fostãozinho" aos visitantes. Hoje já o não faz. Os festejados de Abril fôram muito felizes. O Luciano e Amadeu, ambos de Coimbra, foram os campeões das prendas. As cartas que para todos vêm, são lidas em comunidade. Vieram 2 cartõezinhos de «Manuel João» e «Maria Manuela», deliciosamente garatojados. O Manuel João diz assim: «Eu também tenho 6 anos e nesse dia também recebi alguns presentes por isso desejo que também os recebas. Este "também" é o adjetivo mais eloquente com que se pode qualificar esta lição de solidariedade infantil. Manuel João e Maria Manuela, eu guardo os vossos cartões no meu livro de rezar; que a Estrêla dos Magos seja a luz dos vossos olhos, agora que há tão pouca luz no mundo!

O que diz de nós a Câmara de Amarante

Apareceu há dias em Paço de Sousa o Ex.º Senhor Presidente da Câmara de Amarante, a informar que em uma das últimas Sessões se lê o seguinte: «Não podemos ficar indiferentes a uma obra destas, dentro do Distrito, e concedemos um subsídio anual de 2.000 escudos». Do qual fêz entrega pessoalmente.

Em nome dos gaiatos, à Câmara e seu Ex.º Presidente, «O Gaiato» agradece fervorosamente.

Como decorreu a venda do jornal no Pôrto

O nosso pequenino Julio de novo fala no Gaiato; êle foi um dos vendedores do penúltimo número.

Saimos de casa perto das 7 e meia da manhã. Chegamos a Cête e esperamos um bocadinho, para que chegasse o combóio. Veio e embarcamos para o Pôrto. A primeira coisa que fizemos, foi irmos direitos à igreja de Cedofeita, para ouvirmos missa, e justificarmos como seria a venda do «Gaiato».

Acabou a missa, e em seguida, começamos a vender o nosso jornalzinho, muito alegres como das outras vezes. Primeiro a venda foi fraca, mas depois, para as outras duas missas mais se ia vendendo cada vez melhor, mas não como desejávamos. Na última missa, foi num milagre que Nosso Senhor nos cobriu. Uns que compravam o jornal, se não tinham dinheiro trocavam davam tudo até aos vinte escudos. Aquêles moinas da rua, viam-nos e começaram a perguntar se éramos da Casa do Gaiato. Depois seguiam, e um deles, que tinha ficado perguntou se cá estavam dois rapazes que tinham o nome de, o Tiroliro e o Chegadinho, e respondemos-lhe que sim, que estavam. Trouxemos alguns jornais pela rua e íamos vendendo, e apregoando olha o «Gaiato». Por aqui ficamos desejando que se venda cada vez mais, porque é este o jornal, moralizador e evangelista.

Notícia urbi et orbi

Dou por esta forma como respondidas, tôdas aquelas cartas que nos pedem lugar para a criança abandonada. Antes do próximo mês de Agosto, data em que devemos estar instalados na nossa Aldeia, é absolutamente impossível abrir as portas a mais.

Do que se diz e do que se faz na CASA DO GAIATO DE COIMBRA

TESTEMUNHOS INSUSPEITOS DUM VISITANTE :::

«Venho agradecer-lhe a maneira como ontem nos recebeu na Casa do Gaiato e dizer-lhe, mais uma vez, toda a minha admiração e simpatia por essa obra que, graças à tenacidade e talento organizador do meu Amigo, é uma das realizações mais extraordinárias que, no nosso país, se tem visto. O asseio e a ordem em que tudo se encontra, a seriedade com que os gaiatos encaram e cumprem os seus deveres, a simpatia que inspiram, tudo isso demonstra cabalmente que o espírito do meu bom Amigo tem ignorado dificuldades de domínio sobre aquelas almas infantis, tais e tantas que foi possível realizar-se esse autêntico milagre que dominadamente se impõe a todas as pessoas que tenham alma para sentir e inteligência para compreender.

Peço diga ao habilidoso *padeiro* que o pão e a broa que daí trouxemos, foram apreciadíssimos, especialmente o pão».

DUMA OBSERVADORA :::

«Não resisto à tentação de lhe contar o que observei hoje à saída da missa:

Um dos seus gaiatos, limpo e escorrito gritava — «Olha O Gaiato».

Abeira-se dêle um mancebo, bem vestido:

Dá cá o «Diário».

—Não tenho! E' «O Gaiato».

O outro afasta-se e não compra e o gaiato de carne e osso comenta a meia voz:—«Olha, o «Diário».

Este ainda não sabe o que é «O Gaiato».

O tom com que foram ditas estas palavras tinha tanto de depreciativo como se dissesse a alguém, nesta terra de doutores:

—Olha êste... não sabe o que é um AI...

Parei para ouvir e ia a dar ao Gaiato a consolação que o recompensasse do desaire sofrido mas... os meus bolsos iam como os dêle...

LIÇÕES PRACTICAS ::::

Nem todos os rapazinhos que vêm parar às nossas casas, foram ladinos vândios das ruas; êles são contudo a maioria.

Alguns não sabem dizer onde nasceram e nomeiam uma série infinda de terras por onde passaram; outros vieram de qualquer aldeola, que os mapas não registam. E' interessante notar a reacção que a natureza produz, sobretudo naqueles que apenas contemplaram a nesga do céu sobranceiro à viela que os viu nascer.

—Olha: a lua de Coimbra, não anda de dia!

—E a lua da minha terra, diz logo outro, vê-se mas é daquele lado,—e aponta para o norte.

O Porto viu agora pela primeira

vez, quando corria atrás duma galinha, um canteiro de favas. Uma vagem, em meio crescimento, desperta-lhe a atenção:

—Isto o que é, Freitas?

—Não vêes que são favas.

—Daquelas de pôr no *caurdo*?
—Qual *caurdo*? caldo é que se diz!

—Sim, *caurdo*, ou lá *co'mié*.

Lá nas ruas do Pôrto, não se criam favas.

—Pois não meu caro tripeiro, digo agora eu; as ruas do Pôrto são como as de tôdas as cidades. Apenas, por entre as pedras, nascem umas *tristes ervas*.

E *delas*... uns seres como tu...

Mas poderoso é Deus para desas pedras fazer filhos de Abraão.

Agora, uma do Venâncio que veio lá das terras algarvias e não sei porque cargas d'água foi parar a um azilo do Pôrto.

Tem por missão antiga apanhar erva para os coelhos. Mas isto de andar constantemente com a foice nas mãos e a cêsta à cabeça, parece-lhe maçada de mais. Não haveria meio de engordar os bichos com menos trabalho?

O rapaz pensa, torna a pensar, consulta os companheiros mais velhos, e, a opinião unânime, foi que o processo mais simples era levar os coelhos a pastar, como o Umberto leva as ovelhas. Dito e feito.

O Freitas, muito sério, ajuda-o na tarefa de atar os animalejos uns aos outros, pelas pernas.

Terminada a operação, alinha-os todos no pátio, para os fazer marchar à sua frente. Agora é que foi o mais bonito.

—Vamos! — diz o Venâncio — segurando a extremidade dos cordeis.

Nisto os bichos começam de *rabear* como as bichas de carnaval. Puxa cada qual para seu lado; dão saltos e guinchos de aflição.

Mais aflito ainda, o Venâncio não sabe a qual acudir, se ao que se mete debaixo das cavacas, se ao que fura por entre as pernas dum banco...

A malta que até então se conservava admiravelmente séria, estoira de tanto rir.

O *anjinho* apanhou uma lição mestra de cunicultura.

CANTINHO DOS POBRES

Não foi em vão que lançámos aqui apêlo a favor do Casal de velhinhos duma viela da Baixa. Uma Senhora do Pôrto ouviu êste S.O.S. e mandou logo os lençóis indispensáveis, e outra, de Coimbra, mandou recado, por um ardina, para procurarmos no N.º 58, algo mais. A rua é que o miúdo não fixou, e, por isso, esperamos novo recado.

Ha tanta coisa que estorva nas vossas casas e faz tanto arranjo no catre dos pobres...

«Padre, não tem por aí uns sapatos velhos que me sirvam—pedia um operário. Andei, acrescentava, a pintar um armário, em casa duma senhora e vi lá treze pares de sapa-

tos. Parecia um exército! e eu com os pés pelo chão...

Já morreu êste pobre operário, e, se quis uns sapatos, teve que esperar pelos do *cangalheiro*.

Queria agora levar um lençol e um cobertor, ao menos, a um pobre paralítico que se contorce, há seis anos, sobre a mesma palha moída.

Cobrem-no uns sacos de linhagem já gastos, à laia de manta. Onde hei-de ir procurar os ditos agasalhos?

O QUE NOS TRAZ O CORREIO

100 escudos «para o foliar dos pequenos»; 100 «por intenção do José Maria»; 500 do Banco de Portugal; 30 de Lisboa; 50 «para a Casa do Gaiato»; 120 «desejando Páscoa alegre à vossa grande família adoptiva»; 10 de Lisboa; 100 de Pinhaços para o foliar dos «Pobres»; 20 a um Gaiato que vendia jornais.

Sòmente merecem a nossa confiança dos Gaiatos que trouxeram braçadeira. Podem ser portadores de qualquer quantia, que de tudo darão contas.

Os outros sòmente entregam o valor do jornal, e, por isso, quem quizer beneficiar a «Casa», em vez de lhes dar gorgeta, melhor fará comprando-lhes a quantidade de «Gaiatos» correspondente à esmola que quere dar.

—Uma caixa de «gravatas», para os gaiatos do Sr. P.e Américo.

200 num envelope pequenino com três palavras, a contrastar com a grandesa de quem deu.

1.000 num cheque, de Lisboa.

200 dum visitante e 30 litros de azeite.

—Ovos e um pequeno suíno, de duas visitantes apaixonadas pela «Obra da Rua».

20 no Castelo, para a «Casa do Gaiato».

100 na Gráfica, para o mesmo fim.

100 no comboio.

—Alguns retalhos dum estabelecimento da Baixa. Bom era que outros estabelecimentos, seguissem êste exemplo.

Atenção

Um Senhor da cidade do Porto, fez um seguro de vida de cinquenta contos, o qual endossou à Casa do Gaiato. Tenho já a apólice. Ele próprio veio entregar o documento à estação de S. Bento. Foi um TOME LA amoroso e silencioso, visto sòmente das estrelas!

Era na hora elegante do rápido de Lisboa. Ninguém deu fé! Seja por amor dos Gaiatos, meu Senhor. Que o nosso Bom Deus lhe acrescente o que fica.

ULTIMAS CHEGADAS

Baterem à nossa porta e entraram, o Jacinto da Guarda, o Arlindo do Porto e o Mário da mesma terra e o António de Penafiel, naufragos do mundo.

Boa sorte se deseja aos novos gaiatos.

Assinaturas pagas

Já dobramos o cabo dos mil

«Cantando espalharei por tôda a parte»

Hoje responde Coimbra com os Srs. Drs. João Maria Pôrto 24\$00, Rui dos Santos 12\$00, Brito Amaral 50\$00, Antunes de Azevedo o mesmo, Luiz Providência 20\$00, e Luiz Zamith 25\$00. (Eu fui o herdeiro universal de tôdas as roupas do seu querido filho). Justino Girão 20\$00, António Cunha Vaz 25\$00, Guilherme Penha outro tanto, Nunes da Costa o mesmo, Espírito Santo 20\$00; Santos Silva idem, Barbosa Leitão o mesmo — todos Médicos. Mais os Srs. José Teles com 20\$00, Cecília Saraiva 30\$00, Nascimento Almeida o mesmo, António Cabral 20\$00, Leonel Manso outro tanto, Joaquim Coelho idem, Fausto Marques da mesma sorte. Dr. Tristão mais 10\$00, José Ferreira 20\$00, Francisco Alves o mesmo, Alexandre Louro também, Eugénio Ramos 30\$00, Maria do Céu 50\$00, Alcina Teles 20\$00 e José Maria Diana 30\$00 todos de Coimbra. Coimbra quer levar a camisola amarela, mas acho que não. Luiz Fernandes de Famalicão 25\$00, Ulisses Nunes, do Pôrto 100\$00, Casa de S. José, do Pôrto 500\$00, Abade de Figueiró 20\$00, Dr. Fernandes Machado de Lisboa 3.º00, Superior dos Ninhos dos Pequenitos 50\$00, Igreja de S. Bento da Vitória do Pôrto 20\$00, Beatriz Rebêlo de Figueiró 20\$00, e da mesma terra Artur da Costa com 20\$00 e Dantas e Melo com 25\$00. Adelaide Brito de Coimbra 2.º00 Maria Ortigão Sampaio de S. Mamede 50\$00, Cristina Brochado de Sinfães o mesmo Vasco da Silva do Pôrto 20\$00. Dr. Alfredo Alvarinho de Méda 25\$00, e os seguintes senhores todos do Pôrto a 20\$00 cada um: Francisco Brandão, José Maria Pacheco, Domingos Gonçalves, e José de Castro Andrade. Dr. Alexandre Pires de Lima do Pôrto e Maria Isabel de Seabra e Sá da Foz 30\$00. Maria de Riba d'Ave 10\$00, Zuzarte de Mendonça, de Lisboa 36\$00, Margarida Almeida de Oliveira de Azemeis 20\$00, António Leal 30\$00 e Abílio de Sousa 100\$00 e António Moreira 25\$00, todos tripeiros. Adélio Sena, de Silva Escuro 25\$00, Abílio Afonso e Manuel Veríssimo ambos de Chão do Couce 25\$00 cada bico. Alzira Sardinha, do Pôrto 4.º00. Maria Carolina Alçada, da Covilhã 50\$00. Maria Maia de Crestuma o mesmo António Sardinha, de Coimbra idem; Júlio Oliveira de Lisboa 3.º00, João Bacelar, do Pôrto 100\$00. Francisco Calheiros, Vasco de Miranda, Alexandre Pinto, Maria Graça Montenegro todos de Sinfães a 30\$00. Georgina da Silva, de Lisboa 10\$00, Ana de Figueiredo de Coimbra 50\$00. Silva de Almeida, de Lisboa 30\$00. P.º José Baptista Ferreira dos Açores 1.000\$00. Sr. P.º José, mais assinantes assim!

João Gaspar 50\$00, Manuel de Oliveira o mesmo e Albertino Freitas o dôbro, todos do Pôrto. Edgar Guimarães, de Gaia 30\$00, Maria Júlia Braga, do Pôrto 25\$00, X do Pôrto 20\$00. Meninos Artur, Luciano e António Ravara Alves, de Lisboa 30\$00. José Carlos Sá, de Coimbra 100\$00. Maria Mancelos idem metade Ernesto Pereira, do Pôrto 50\$00, Luciano Magalhães, da Foz 25\$00, Maria Minzot, do Pôrto 50\$00. Maria de Melo, 2.º00; Maria Cunha idem 25\$00. António Nunes Ribeiro do Pôrto 30\$00. Emília Santos, de Lisboa 50\$00. P.º Manuel de Vila Boa 40\$00. De Oliveira de Azemeis levantam o dedo os Srs. Pedro de Almeida com 30\$00 e José Lino o mesmo e Dulce Tavares 50\$00. Ozor Moreira 40\$00, Arlindo Alegria 25\$00 e Sofia Landreza o mesmo e Maria Clementina idem, Maria Manuela o mesmo. Um viva a Oliveira de Azemeis! Maria José Lôbo, de Poiares 50\$00, Jaime de Aguiar de Paço de Sousa 20\$00, P.º José de Alverca o mesmo, Dr. Agostinho de Gramoços 50\$00. Maria do Carmo Seia, de Coimbra 50\$00. Luiz Miranda de Rio Tinto, metade António dos Santos do Pôrto, o dôbro O «Comércio de Leixões», 50\$00. José Pinheiro da Silva, do Pôrto idem, O Pinhal de Matozinhos o dôbro. Vitorino da Silva, do Pôrto 40\$00. Dr. A. Braga, da Foz 60\$00. Mário Vasconcelos, de Tardesquelo 25\$00. João Correia, do Pôrto, 50\$00.



Cada um tem a sua vez de rapar o tacho; hoje foi a do Manelsito

Mais Gaiatos

Chegaram mais, o David das «Ilhas». O Joaquim de Amarante. O Raúl de Paços-de-Brandão.

Este derradeiro apareceu à portaria, genuino e completo em seu género, a rilhar uma codea que lhe deram nos caminhos.

Puxou a campainha. Foi o nosso porteiro a inquirir.

—Quero entrar.

Entrou. Obra dêles, para êles. Soube depois que não tem ninguém no mundo e andava ao deus-dará.

Os Fundadores das Ordens Mendicantes puzeram na Régra que abrissem a porta e deixassem entrar os estropeados do mundo.

Enquanto se vai discutindo se a Idade-Média era tempo de sombras ou de luz, nós queremos ser da idade-média, por estarmos mais perto dos apóstolos; e abrimos as portas das Casas do Gaiato, aos dêles estropeados.

O Joaquim de Amarante é um espertalhão de 10 anos.

—Ai! que deixei ficar a roupa lá fora.

—Olha lá; de que é a tua mala?

—E' de papel!

Trazia o *enxoval* no «Diário de Notícias». Os jornais, às vezes, servem para alguma coisa.

Outro caso: Entram três pequeninos vadios, irmãos. São de Abrantes. Perderam os Pais. Eram de tal raça, que um bondoso sacerdote que se propôs conduzi-los, houve de chamar a guarda civil em certa estação, para os segurar. Nunca tinham visto cama, nem mesa, nem hábitos humanos. Perfeitamente selvagens. Pois dentro em pouco, guiados, ensinados, *influenciados* pelos seus companheiros, são outros.

—Ai! quem te viu e quem te vê, —dizia o povo da Lousã, de um rapaz endiabrado daquela vila depois de ter estado uns tempos nas nossas comunidades.

Ora tudo isto, é influência dêles entre si.

O trabalho é a base da vida nas Casas do Gaiato. E' a espinha dorsal. E' a cura que se impõe a cada um dos doentes de vadiagem que vem dar à nossa porta.

Devem ter todos as horas ocupadas, tôdas. E' preciso que cheguem à noite moídos, para que o sono seja repouso. O domingo é dia suspirado precisamente porque nos mais se trabalha. Cumprem o decálogo com alegria.

Uma quinta é condição. O garoto da rua, exulta nos trabalhos do campo, em contacto com a vida, que êle

Carta de Lisboa

A Casa do Ardina

E' natural que me perguntes, «Gaiato» amigo, mas afinal quem é o «ardina»?...

O que é a «Casa do Ardina»? De «gaiatos» e «Casas do Gaiato» percebes tu, agora de «ardinas» e «Casas do Ardina», nunca ouviste falar, senão a mim... E na primeira carta disse-te que eram teus irmãos, que havia espírito de família entre as tuas «Casas» e a nossa, e mais nada.

Foi pouco. E para me penitenciar aqui me tens a apresentar-te os teus irmãos «ardinas», mai-la sua «Casa»!!

O Ardina é o pequeno vendedor de jornais, que leva uma vida de trabalho intenso das 5 h. e 30 às 9 h. e 30, a vender os jornais de manhã e das 16 h. e 30 às 20 h., a vender os jornais da tarde, numa vida de liberdade e até libertinagem, num inteiro abandono moral e físico. Por falta de amparo e carinho, e, sobretudo, de educação e instrução, a maioria dêstes rapazes perde-se na idade crítica dos 15, 16 anos, senão antes.

Observamos ainda que a venda de jornais não pode nem deve ser considerada propriamente uma profissão, mas quando muito uma «forma de comércio», pois vimos que o homem que a exerce ou se torna um «negociante» com empregados à sua conta, que explora na maioria dos casos, sobretudo se se trata de um «parôlo» (cuidado garoto da província, não caias nêstes... negócios!...) ou se degrada e avilta, entre a taberna e a prisão...

Pensamos logo: se é por as famílias necessitarem do ganho do ardina (em cem casos observados, apenas encontramos quatro que era por «espírito de aventura» dos próprios rapazes) e se é uma profissão que oferece perigos e poucas ou nenhuma garantias no futuro, trata-se de evitarmos os perigos e... garantimos-lhes um futuro profissional!...

Não havia que hesitar. Era preciso transformar um mal num bem, numa riqueza social.

Conseguir que em lugar de vadios, malcriados, e até criminosos, os ardinas sejam considerados e estimados por todos como rapazes de sãos princípios, bem educados trabalhadores, leais e

honestos. Era preciso ocupar-lhes as horas livres, amparando-os o melhor e mais intensamente que pudessemos, por um centro social especial, adaptado às necessidades e interesses dêles, bem como das famílias (pois êles jantam e dormem nas suas casas) garantindo-lhes um futuro profissional estável, seguro, moral.

Não tínhamos dinheiro...

Assim levamos, nós, as Noelistas de Lisboa, sete anos a sofrer e a sonhar com o ardina, mas...

«A Casa do Ardina» já tem agora um ano de realidade prática, vivida, graças a Deus!

Sem... dinheiro, está claro... A meio do mês, nunca sabemos como vamos pagar as contas do fim do mês...

Mas—sem dívidas, porque à conta de todos os de «boa-vontade»...

E lá vai singrando, e, sobretudo, trabalhando, graças a Deus?

O ardina da «Casa do Ardina» já não é igual aos outros mais.

E' hem-educado, leal, honesto, trabalhador. Cada vez promete mais. E se há um ou outro que ainda não compreende o esforço que deve fazer para vencer vícios e tentações em que andam metidos, a maioria vai compreendendo e, sobretudo, realizando. Saberão ser «Homens» em todo o grande sentido da palavra!...

Mas—e aqui é a nossa amargura—só podemos abranger com esta «Casa do Ardina» um máximo de 60 ardinas sobre os 400 que precisam dela... São precisas *mais* «Casas». Estamos prontos a abrir já outra em Lisboa. Quem no-la dá? Ou se não a pode dar, quem a ajuda a construir? Quem dera uma resposta rápida, rápida, na «volta do correio»!...

Maria Luísa.

P. S. Na próxima carta contar-te-ei casos, para veres como tenho razão em não parar de sonhar com... «Casas do Ardina»!...

ESTE NÚMERO DE
«O GAIATO»
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Assinantes infantis

Uma das características do nosso jornalzinho, está na multi-dão de crianças que o desejam assinar. O assinante 614, da Avenida da Liberdade de Lisboa, escreve numa cartinha com macacos pintados à margem. Declara que os seus irmãos Luciano e António, não sabem ler; que o Artur já sabe e o que assina, que, pelos geitos, pouco mais sabe do que nada, rabisca duas letras a pedir o «Gaiato».

Mas há algo de mais interessante nesta cartinha adorável, a saber:

«O meu Pai diz que todos os rapazes devem saber que existe a Casa do Gaiato».

Ora o Pai dêstes meninos deve saber o que diz. Sim meu Senhor; fica muito bem aos filhos de V. Ex.^a saber que há no mundo crianças desditosas, para que êles os filhos de V. Ex.^a e outros de igual categoria, se obriguem hoje a ser mais gratos, mais humildes; e amanhã, —mais simpatisantes com a obra.

Fala o Luciano

O nosso Luciano, um simpático castrão de Coimbra, conta aqui a sua pequenina história:

Sou orfão de Pai e Mãe. Em Julho de 1943 encontrando-me na estação de Coimbra para ver se ganhava um tostão para matar a fome quando comecei a pensar na vida. Pensei que vinha lá o Inverno e não tinha onde me acolher sem demora pedi logo ao Sr. P.^e Américo para ir para a Casa do Gaiato de Miranda do Côrvo a onde êle me disse que sim mas para trabalhar! pronto estamos entendidos e um dia mais tarde vais para a Casa do Gaiato do Pôrto para aprenderes uma arte. No mesmo dia às 7 e meia segui com um gaiato para Miranda do Côrvo onde estive lá um mês e meio e segui para Paço-de-Sousa onde trabalhei no campo e depois uma oficina de serralheiro aonde estou agora e tenho fé em Deus que ainda hei-de ser um artista.

nas barbas do antigo companheiro, que o saúda deslumbrado:

—O' coiso, tu estás atestado!

Rende cem por cento, quando êle chama *nosso* às coisas de casa, por sentir que tudo é dêle. Cem por cento, finalmente, quando se sente amado; e isto basta para quem deseja sê-lo e nunca o foi.

O pequenino goza a posse, o domínio, o interesse pela vida de casa. Eles vão alegremente montes em fora, por pinhas e lenha caída, e assim poupar a abatida. Não estragam. Zelam. Exemplo: Retiraram alguns da casa de Coimbra para a de Paço-de-Sousa, em fundação. E' no outono. Os caseiros apanham frutos das árvores para entregar a meias, segundo a letra do arrendamento. Fazem medida exacta e honesta do refugo e escondem a boa fruta na mata, para ir buscar ao depois. Dois dos nossos rapazes observam a manobra, calados. A' noitinha revelam:

—Vamos buscar um tesoiro!

Trazem um cesto enorme de preciosos pomos. Narram. Fazem um grande nariz aos roubados:

—Olha os tipos.

E vão guardar no celeiro para êles. Zelam.

Continua.

(Folhetim de «O GAIATO», número 2)

OBRA DA RUA

Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes

mesmo vê brotar. Quere saber. Admira-se:

—Eh tanta coisa que a gente aqui vê.

Que viam êles no bêco, na viela, na taberna, na família! E que olhos tinham êles para ver? Os olhos são a janela da alma; dar à criança panoramas saudáveis é salvá-la.

Esquece. Liberta-se. Sente-se filho. Trata pelo nome de pai os que o orientam. Aprende por si mesmo êstes sentimentos delicados, na terra, nas plantas, nas flores.

O trabalho nas nossas casas é estruturalmente familiar; brio, interesse, amor. O pequeno mostra os calos, como troféus de glória:

—Olhe eu.

Cada um os seus, com graciosos ciúme:

—Olhe, eu mais.

A obrigação terminada, vêm comunicar e pedir outra. Se o rapaz já

merece confiança, aceita-se o que êle diz, se não manda-se um fiscal.

E' trabalho muito demorado e muito doloroso, destruir na criança da rua o hábito da mentira. Ela é a arma com que se defende dos pais e do próximo. Aprendeu no bérço. Toma-a como um bem. Antes que conheça e sinta o seu mal, tem de êle mesmo fazer sangue no educador e deixar que nêle o façam.

Oh! missão sublime de educar. Oh! segrêdo divino de transformar em homens de bem, os maltrapilhos da rua.

O rendimento social é de cem por cento, quando o pequenino descobre que está em sua casa; que tem liberdade de ir à cozinha buscar pão; que pode rapar o tacho das papas, solene e descuidado. Quando se vê com anos festejados no dia em que os faz. Quando recebe o prémio das suas acções num passeio a Coimbra, onde vai tomar chá à melhor pastelaria,